

A INFLUÊNCIA DA METODOLOGIA NA APRENDIZAGEM, REFLEXÕES E ANÁLISES PARA UMA DOCÊNCIA HUMANIZADA¹

Évelin Fernanda Soares²

Luana Barbosa Preto³

Lídia Inês Allebrandt⁴

O presente trabalho tem por objetivo analisar, refletir e discutir a docência por meio da compreensão do uso de metodologias de ensino e suas contribuições nos processos de ensino-aprendizagem na formação humana, tendo por referência uma prática desenvolvida em uma escola pública. Isso porque compreendemos que as metodologias influenciam nas aprendizagens e estas se dão de formas diferentes e podem ser vistas nas escolhas, nas atitudes, nas conduções e nas relações pedagógicas que se estabelecem, tanto na perspectiva da construção de conhecimentos quanto de subjetividades nos espaços escolares.

Sair dos hábitos rotineiros das escolas o que ressoa como um grande desafio para a educação e seu tempo, porque, ir além das vergas que são impostas, isso requer muito mais do que esforço e entusiasmo, pois exige a capacidade de reflexão e criticidade na compreensão de mundo, dos conhecimentos e de nós humanos. Isso no entendimento que a escola é um lugar social, cultural e construída pelas diferenças, mas um espaço de e com direitos comuns, cujas práticas educativas, sociais e culturais repercutem e contribuem na construção da sociedade.

Pelo exposto, defendemos o desenvolvimento de ações pedagógicas pensadas na ótica de uma educação transformadora que possibilite a reinvenção de conhecimentos, a análise crítica da realidade em suas múltiplas configurações e das relações humanas, com ações significativas por meio das linguagens e das culturas, porque compreendemos que a formação humana se dá na interlocução, na cumplicidade, no cuidado e no amor que estabelecemos nas interações com o outro.

Um ‘professor reflexivo’ não para de refletir a partir do momento em que consegue sobreviver na sala de aula [...] ele conquista métodos e ferramentas conceituais baseados em diversos saberes e, se for possível, conquista-os mediante interação com

¹ Relato de experiência numa escola pública de Ijuí/RS, pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/UNIJUI, subprojeto Pedagogia, mantido pelo Ministério da Educação, apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, edital Nº 061/2013, em 2017.

² -Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e bolsista do PIBID/UNIJUI, subprojeto Pedagogia, evelinfernanda13@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e bolsista do PIBID/UNIJUI, subprojeto Pedagogia, luanabpreto@hotmail.com

⁴ Professora Mestre do Departamento de Humanidades e Educação, da Universidade da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, orientadora, lidia@unijui.edu.br

outros profissionais. Essa reflexão constrói novos conhecimentos, os quais, com certeza, são reinventados na ação (PERRENOUD, 2002, p. 43).

A sala de aula é um espaço formador para a cidadania, politicamente um lugar de conflito, um mundo estranho na tentativa de construir o inédito, a consciência do viver em sociedade. Portanto, a educação como prática da liberdade, a possibilidade da aprendizagem como surpresa de conhecer algo novo, a linguagem desenvolvendo o pensamento constituem-se gatilhos para possíveis transformações nos vários âmbitos da sociedade.

Este trabalho foi realizado a partir de ações pedagógicas propostas por duas bolsistas do PIBID- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, em uma escola Estadual de Ijuí, com a turma do quinto ano do Ensino Fundamental, mediante diálogo com a professora regente da turma e a coordenação do subprojeto. O mesmo teve por propósito possibilitar vivências escolares e o desenvolvimento de práticas pedagógicas pensadas na formação responsável da criança e sua aprendizagem por meio das diferentes linguagens e da nossa cultura, como prática da liberdade e da promoção da humanização e emancipação dos sujeitos envolvidos na proposta.

O projeto teve como tema gerador “O Protagonismo das linguagens na construção de conhecimentos sobre o mundo vegetal e sua relação com os humanos”, e teve como intencionalidade desenvolver, por meio das distintas linguagens, a formação de cidadãos conscientes do espaço e tempo que vivem, bem como incentivar e promover ações ambientais sustentáveis e comprometidas com o meio natural e social. As vivências e conhecimentos construídos nos levaram a pensar em uma problemática para o campo da educação: qual a influência da metodologia na aprendizagem das crianças? Podemos pensar que a forma com que ensinamos é reprodutora de uma determinada ação pedagógica, que desenvolve ou não a promoção na formação de sujeitos capazes de compreender o mundo em que estão de forma consciente, crítica e humanizada? Qual a nossa responsabilidade enquanto educadores nessa atitude metodológica de ensino aprendizagem? Ou ainda,

[...] é possível exercer o ofício de ensinar-aprender a ser humanos nas condições desumanas vividas pela infância com que trabalhamos? É possível, faz parte de nosso ofício. Mas o que fazer? Ensinando-lhes a ler, escrever, transmitindo-lhes informações, saberes escolares, não estaremos transmitindo-lhes as ferramentas para sua humanização, para sair da exclusão e da pobreza? Nossa experiência, pessoal, familiar, profissional nos deve ter ensinado que é um direito aprender esses instrumentos e competências, mas que os saberes escolares não são aprendidos se ao mesmo tempo não tentarmos recuperar a humanidade que lhes é roubada (ARROYO, 2000, p. 62).

O estudo dessa temática foi pensado para desenvolver a sensibilidade e a capacidade de senso crítico; para compreender o espaço e o tempo nas suas singularidades de mundo, uma vez

que defendemos a importância de entender o meio que vivemos e buscar ações responsáveis para ele. Para tanto, optamos pelas linguagens (verbal, imagética, musical, digital) e por suas manifestações culturais (literatura, dramatização, música, artes plásticas e curtas) como possibilidades de desenvolvimento na formação humana, tendo como finalidade garantir a reflexão da conscientização da preservação ambiental e a consciência ecológica, estabelecendo relações entre a natureza e os humanos, pelo respeito, coletividade e compromisso social, por meio da articulação entre as linguagens para promover a emancipação do sujeito e aprendizagens.

A partir de uma escuta sensível da turma, percebemos a necessidade de refletir acerca de nosso planejamento enquanto as ações se desenvolviam. Foi necessário analisar os acontecimentos em sala de aula: falas, demonstração de interesse e participação, curiosidades, realização das produções, dentre outros aspectos e, então, propor estudos e práticas que contribuíssem para a efetivação das intencionalidades pedagógicas. O compromisso pedagógico precisa estar no mundo das crianças, esse mundo que é vivo e cheio de acontecimentos, por isso a importância de pensar em um planejamento responsável, reflexivo e compreensivo, que esteja aberto ao novo, ao inédito.

O professor precisa construir inter-relações entre o mundo e a criança, trazendo-as para dentro dessa ação, vivendo e experimentando o ensino-aprendizagem, com atenção à diversidade de saberes e vivências culturais, com os sujeitos e suas bagagens sociais e a complexidade do mundo.

Utilizar as tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, nas diversas práticas do cotidiano e no ensino-aprendizagem, o que em nosso projeto enfatizamos, pois notamos a necessidade de incluir esta linguagem para as crianças. Com o uso de um curta-metragem, iniciamos um caminho de reflexões em conjunto para compreensão acerca do conteúdo e as linguagens empregadas. Na sequência, propusemos a criação de roteiros com histórias próprias para produção de curtas da turma sobre temas de seu interesse.

Destacamos o significado pedagógico de construir pontes entre o conhecimento e as crianças, pois o ensino está além do transmitir, está no aprender a aprender. Como aponta Geraldi (2010, p.100), “focalizado na aprendizagem, o ensino não pode ter um planejamento inflexível. Importa muito mais aprender a aprender do que aprender o já sabido e definido! O conhecimento sistematizado deve fazer parte do percurso e não ser o fim do percurso”.

A curiosidade é considerada ferramenta para o ensino, logo: questionar, buscar, olhar, compreender, analisar, relacionar e refletir, são ferramentas que tanto o professor como os

crianças podem exercitar. Como ouvir uma música e anotar as palavras que não se conhece, ou olhar uma imagem e questionar o que está vendo. Criar hipóteses, debater em grupo, construir um pensamento lógico a partir de sua herança, a partir do que já conhecem.

Como reitera Geraldini (2010, p. 101), “[...] não admitir a variedade em nome da uniformidade é tratar de forma igual questões diferentes e sujeitos diferentes”. Da mesma forma, que a identidade do profissional professor, possuiu uma bagagem que o faz diferente dos outros, cada aluno traz o mesmo consigo, por isso considerar estes aspectos transforma a aula em acontecimento, em descobertas.

Durante o desenvolvimento da prática, percebemos que as crianças com as quais estávamos nos relacionando possuíam rachaduras em sua humanidade e isso nos fez repensar a proposta metodológica construída no espaço da sala de aula. Algumas crianças sem vontade para aprender e praticando atitudes de reclusão e negação nos chamavam para a docência, para a vida da escola, foi um convite desafiador. Nos deparamos com isso dentro da sala de aula foi profundamente chocante para nós, então fomos desafiadas a inovar, a pensar o currículo oculto na vida na escola. Aquilo que não está dito ou é cobrado influencia na subjetividade e no aprender de cada sujeito. Foi necessário quebrar o gelo e assumir a responsabilidade de aprender pelo conflito, desconstruindo ideias fechadas e enraizadas que estavam intrínsecas no cotidiano da escola. Roubar a vontade do saber de uma criança é desumanizá-lo, é tirar-lhe a legitimidade de aprender, de construir novas formas de pensar. Por isso, ousamos no trabalho, acreditamos nas potencialidades do ensino-aprendizagem, na cidadania, na atitude metodológica responsável e conseguimos, com esforços e resistência, despertar a sensibilidade de conhecer um mundo novo, um outro mundo.

Sabemos que a identidade principal de um educador é de desenvolver o ser humano. A educação é o principal meio para exercer este processo de “criação” do ser humano como conhecemos. Ser humano este dotado de cultura, de linguagem artística, de vivências e experiências de vida, que sabe refletir e analisar o seu mundo, ser humano que sofre, que sente, e que, conseqüentemente, deve aprender a lidar com tudo isso.

Muitas vezes no decorrer das aulas nos perguntamos: Que educadores seríamos se negligenciássemos a função mais secular da educação? Podemos construir conceitos e trazer a herança mundial dos conteúdos sem antes retomar o “ser humano”? Qual a identidade profissional do professor que gostaríamos de exercer? Concordamos com Arroyo (2000, p. 54) ao afirmar que “A recuperação do sentido de nosso ofício de mestre não passará por desprezar a função de ensinar, mas reinterpretá-la na tradição mais secular, no ofício de ensinar a ser humanos”.

É compromisso da escola garantir o acesso às culturas, cujas possibilidades são imensas, bem como o direito de viver a experiência das diversidades do mundo deve ser respeitado, de forma a possibilitar o contato e a reflexão com a literatura, a música, as obras de arte, os curtas-metragem; viver a experiência de expressão por meio de diferentes linguagens e gêneros textuais: roteiros, vídeos, exposição oral e escrita de entendimentos elaborados, pinturas, paródias, paráfrases. Essas práticas oportunizam desenvolver a curiosidade, o pensamento livre, o não apenas estudar o conceito do que é a fotossíntese, mas vivenciar, explorar, construir um jardim e ver este processo no dia a dia, as sensações e o conhecimento surgindo em todos os lugares da escola.

É isto que nos faz humano e dentro de nosso mundo, pois, assim, o ofício de mestre torna-se humanizar estes sujeitos que chegam até nós e também nos humanizarmos em nosso ofício.

O estudo dessa temática tornou evidente que é fundamental pensar a metodologia em relação às aprendizagens, refletir profundamente e questionar a responsabilidade de desenvolver essas mediações de ensino de forma comprometida, que possibilitem o despertar da curiosidade, o amor pelas formas de ler e compreender o mundo, viver o inédito, aquilo que juntos, nos processos educacionais, nas pesquisas, e nas relações entre os sujeitos participantes dessas ações, constroem.

A educação é uma ação coletiva e precisa ser construída na cumplicidade entre os envolvidos, pelo olhar sensível, pela escuta, pelo diálogo, assumindo assim um compromisso social pela formação humana, e isso requer o comprometimento do educador com a educação e com os estudantes.

Recuperar a humanidade roubada supõe ainda que nós, adultos, nos revelamos tão humanos quanto os educandos. Nosso ofício é revelar as leis da natureza, a produção do espaço, da vida, ensinar matérias... mas sobretudo revelar-se às novas gerações, revelar a humanidade, a cultura, os significados que aprendemos e que vêm sendo aprendidos na história do desenvolvimento cultural (ARROYO, 2000, p. 66).

Trabalhar na formação de recuperação da humanidade, na dialogicidade das percepções de universo e significações, percebendo o outro como alguém politicamente dotado de direitos, com um caráter social, numa perspectiva de escola que lhes assegure um mundo novo, uma nova tentativa de docência que eduque para o mundo e a cidadania, e não para o fracasso individual e social, e isso só se é possível de ser alcançado pela mediação consciente e responsável do outro.

Palavras-chave: Educação; Práticas Pedagógicas; Formação Humana; Linguagens.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G..**Ofício de Mestre**: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2000. 50-67p.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 208p

PERRENOUD, Philippe. **A Prática reflexiva no ofício de professor**: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. 29-45p.